

**O REALISMO AFETIVO EM “PASSEIO NOTURNO”,
DE RUBEM FONSECA
– A ORALIDADE ARTICULADA
AO ENSINO DE LÍNGUA/LITERATURA.**

Clesiane Bindaco Benevenuti (UENF)

clesiane@gmail.com

Patrícia Peres Ferreira Nicolini (UENF)

patricianicolini@saocamilo-es.br

RESUMO

O presente trabalho é o relato de uma experiência exitosa realizada em sala de aula com turmas de 9º ano do ensino fundamental. Pretendeu-se afirmar a importância do trabalho com literatura como forma de estabelecer “Realismo” a partir de experiências literárias no limite da representação, com estratégias que permitiram o compromisso do discente com a realidade ao fazer uso da realidade literária e artística como meio de representação social. O principal objetivo foi o de criar oportunidade, a partir do conto “Passeio Noturno”, de Rubem Fonseca, para que o aluno compreendesse, através da criação de um Júri Simulado, a argumentação oral, a utilização de provas e conhecimentos prévios como veículo de interpretação textual e de formação sociocultural, fazendo julgamentos, críticas, despertando seu interesse pela língua portuguesa e pela literatura, com foco nos problemas sociais, embasados em um realismo afetivo (deduções, subtendidos, elementos elípticos) que evoca realismo além da representação. Assim, foi possível trabalhar o conto articulado com outras linguagens e realidades, oportunizando o equilíbrio entre a liberdade de expressão e a necessidade de levá-los ao contexto cultural através da informação sistematizada.

Palavras-chave: Realismo Afetivo. Língua/Literatura. Estratégias realistas.

1. Introdução

A relação existente entre literatura e sociedade sempre foi vista por focos diversificados e estudada por grandes críticos literários, o que significa que falar em literatura é também falar de sociedade, isto é, do poder que a obra literária tem de representar a sociedade – espelhando-se no exterior para se configurar. A obra literária, então, constitui a sociedade e esta é disseminada a partir do contato social com outras pessoas.

Nos séculos passados, principalmente nos séculos XIX e XX, Lukács (1885-1971) e Adorno (1903-1969) trouxeram informações e reflexões importantes acerca da literatura baseada na estrutura romanesca da época. Trataram da crise da objetividade literária e a definiram como

aquilo que traz à tona o processo de alienação social.

Com o passar dos tempos e com a transformação da sociedade, a literatura também se transformou, e ainda se transforma a cada dia, pois sofre com os efeitos dessas mudanças e acaba por perder a reflexão de mundo trazida pela epopeia, ou seja, acaba por distanciar o escritor da realidade.

Lukács (2000, p. 52) assevera que “... quer esta distância seja orientada para o futuro ou para o passado, quer marque uma ascensão ou uma descida em relação à vida, não cria nunca uma realidade nova, mas sempre um simples reflexo subjetivo daquilo que já está lá”.

A verdadeira literatura vigente deve ser capaz de promover antíteses na sociedade e de provocar rupturas, isto é, não deve ser óbvia, mas – sim, trazer o que está oculto na realidade. “...quer dizer como realmente são as coisas, então ele tem de renunciar a um realismo que, na medida em que reproduz a fachada, só serve para ajudá-la na sua tarefa de enganar”. (LUKÁCS; 1983, p. 270)

Com base nas citações acima, e nas considerações históricas acerca da literatura, nota-se uma tendência ainda muito recorrente nos estudos de literatura que é a procura pelo social, a construção do social e a formalização de conteúdos a partir de outros pontos de vista, “fundindo texto e contexto numa interpretação dialética íntegra”. (CÂNDIDO, 1985, p. 4)

Bakhtin (1999, p. 02) considera o social e faz sua reflexão a respeito do assunto numa visão marxista, atribuindo outros sentidos e interpretações à relação linguagem-mundo-pensamento, considerando os fatores sociais para a formação da consciência e da língua; podendo-se destacar, ainda, a divisão de classes sociais, as variedades profissionais, com foco na dialética cultural e social, sendo a língua, para Bakhtin (1999, p. 03), uma “realidade material específica ideológica”.

Portanto, a língua é “um fragmento material da realidade” (BAKHTIN, 1999, p. 03), cheia de significações, que só se desenvolvem a partir do processo de interação social entre o homem e o meio.

2. *O convívio em sociedade como formador do homem*

Desde o início, de alguma forma, o homem sempre organizou e se

utilizou de signos, símbolos para se expressar, interagir e tentar explicar sua origem, vontade e anseios. A leitura, ao longo da história da humanidade, sempre foi concebida como fonte/sinônimo de aprendizagem e conhecimento. Por isso, quem dominava a leitura e a língua era definido por todos como culto e importante, afinal a leitura não era um bem acessível a todos.

No século V e VI a.C, a leitura tornou-se inseparável da escrita, por volta do final do século XI, até o século XIV. Logo, pensar em leitura também era pensar e conceber a escrita, sendo a escola o “objeto” principal onde esse processo se dava. O que tornou as práticas de leitura condicionadas apenas ao espaço escolar. Apenas no século XX a função educativa da leitura penetrou os diversos segmentos da vida social, tornando-se o principal veículo de expressão das visões de mundo, de pessoa, normas e valores, contribuindo para o desenvolvimento e formação do imaginário coletivo.

Durante muitos séculos, a leitura de textos era vista somente como um bem pertencente à classe média alta, que acredita ser essa o principal elemento do processo de dominação do conhecimento e de pessoas, contribuindo – assim – para o surgimento de uma sociedade excludente. “O homem lúcido não pode permanecer quieto e resignado enquanto o seu país deixa que a literatura decaia e que os bons escritores sejam desprezados”. (POUND, 2006, p. 37)

3. A literatura como meio de significação/ressignificação

Com os avanços tecnológicos, novos suportes tecnológicos de leitura foram criados, desvalorizando bastante as obras literárias, resumindo-as, sintetizando-as na internet – o que tira a chance de o leitor fazer inferências diversas nas leituras de obras, deixando de ser coautor em sua criticidade, o que torna o ensino de literatura nas escolas bem precário.

Ensinar literatura nas escolas é promover oportunidades de leitura iguais para todos, tornando-a um bem da sociedade e não apenas exclusividade de uma classe pequena e selecionada da população. Trabalhar literatura é fazer do espaço escolar um local digno de aprendizagem, de ampliação de horizontes, com foco no futuro. É proporcionar meios de interação entre os alunos e destes com o mundo. “...ser leitor na perspectiva literária é estar em condições de interpretar, compreender, construir significações e refletir sobre o material, a partir do envolvimento com as

práticas sociais e a vida cotidiana”. (KLEIMAN, 2002, p. 12)

Trabalhar textos inovadores, como “Passeio Noturno”, de Rubem Fonseca, proporciona ao aluno mergulhar no universo literário de forma dinâmica, afinal, através do choque de realidade, isto é, de realismo afetivo, ele é capaz de construir significados e de ressignificar seu mundo, construir ideias e posicionar-se criticamente diante da realidade social vivida.

Esse processo de compreensão e prática cria mundos, ativa o passado e permite ressignificar o futuro, através do poder que a palavra tem de organizar e preparar a percepção para a criação de inúmeras realidades, com base em experiências do passado e em projeções do futuro. Falar em literatura é falar em palavras que possibilitam a criação de novas realidades, de novos mundos e de novas perspectivas. A literatura é a responsável pelo surgimento e transformação de ideias e do sujeito em ser pensante e comprometido consigo e com o mundo a sua volta.

4. O realismo afetivo em “passeio noturno”.

A literatura representa o coroamento de um processo histórico de transformação e diferenciação no uso de instrumentos mediadores. A obra literária cria o desejo de reconstruir o imaginário e a consciência intuitiva. O real informado pelo escritor é concebido como o somatório das práticas cotidianas. (ZILBERMAN; 2008, p. 54)

Levando-se em consideração a fala de Zilberman, é possível depreender que o texto literário proporcionar ao leitor ir além da imaginação, através de instrumentos – nesse caso o próprio texto – que facilitam o uso da imaginação, da dedução, por meio de linguagem simples e, ao mesmo tempo, complexa.

Para compreender esse “espírito” criativo da literatura, capaz de transformar a realidade em ficção e a ficção em realidade por meio de realismo, é necessário entender primeiramente o conceito de realismo afetivo, descrito em todo o texto, porém com outras palavras. Karl Eric Schøllhmmmer em sua obra “À procura de um novo realismo: teses sobre a realidade em texto e imagem hoje” (2002, p. 76) assevera ser o realismo “...um questionamento radical da realidade”, posicionamento esse assumido muito bem pela literatura brasileira. Resumindo a ideia do escritor, o realismo explora o real de tal forma que “o real desaparece sem deixar

pistas, no momento em que tudo se torna real, em que não há mais nada que exista apenas como ideia, sonho, utopia, fantasia e alteridade e, nesse momento, tudo se torna um simulacro⁹⁸ de si mesmo”. (SCHØLLHMMER, 2002 p. 77)

A literatura é linguagem absorvida pela linguagem literária, e é capaz de representar toda realidade através da própria linguagem, construída por imagens, simulações e por meios de comunicação diversos. O texto abaixo é capaz de fazer-nos entender o que é esse choque de realidade proporcionado pelo realismo afetivo, nesse caso pelo conto “Passeio Noturno”, de Rubem Fonseca. “...a autonomia dos sistemas sgnicos para um extremo solipsista, em que a realidade fosse absorvida pela linguagem e confundida com sua própria representação”. (SCHØLLHMMER, 2002, p. 77)

O conto “Passeio Noturno” utiliza-se de realismo afetivo uma vez que, parafreando Schøllhmmmer, leva-nos a questionar radicalmente a realidade vivida pelo narrador, cujo nome não se sabe – o que nos faz entender que pode ser qualquer pessoa – porém de classe média alta: “Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, estudos, relatórios, pesquisas, propostas, contratos...”.

Fonseca, com uma linguagem simples, partindo sempre do menos (o que significa que o leitor/aluno deve ser capaz de produzir inferências para detectar que mistério o personagem vive ao longo da história), em que o menos é sempre mais – questiona o seu leitor quanto à complexidade de seu texto, definida por alguns críticos literários como Alfredo Bosi e Antonio Cândido (“Alguns Escritos) como “Brutalismo”, pois traz a violência urbana e reativa as estratégias realistas, diferente de textos “hiper-realistas”, nos quais há um exagero de realidade, de descrições que, em vários momentos, não nos parecem críveis, entendido por Schøllhmmmer (2002, p. 77) como uma descaracterização do real no momento em que tudo é possível, sendo a linguagem um produto da realidade, do meio, diferente da obra de Fonseca, em que várias informações são disponibilizadas ao leitor por meio do “não dito”.

Para um melhor entendimento, acompanhe a Parte I do conto “Passeio Noturno”, de Rubem Fonseca (1974, p. 179-181):

⁹⁸ Simulacro é um termo utilizado pelo autor para expressar, basicamente, o efeito, a simulação pela imagem.

Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa de cabeceira, disse, sem tirar os olhos das cartas, você está com um ar cansado. Os sons da casa: minha filha no quarto dela treinando imitação de voz, a música quadrifônica do quarto do meu filho. Você não vai largar essa mala?, perguntou minha mulher, tira essa roupa, bebe um uísquinho, você precisa aprender a relaxar. Fui para a biblioteca, o lugar da casa onde gostava de ficar isolado e como sempre não fiz nada. Abri o volume de pesquisas sobre a mesa, não via as letras e números, eu esperava apenas. Você não para de trabalhar, aposto que os teus sócios não trabalham nem a metade e ganham a mesma coisa, entrou a minha mulher na sala com o copo na mão, já posso mandar servir o jantar? A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher estávamos gordos. É aquele vinho que você gosta, ela estalou a língua com prazer. Meu filho me pediu dinheiro quando estávamos no cafezinho, minha filha me pediu dinheiro na hora do licor. Minha mulher nada pediu, nós tínhamos conta bancária conjunta. Vamos dar uma volta de carro?, convidei. Eu sabia que ela não ia, era hora da novela. Não sei que graça você acha em passear de carro todas as noites, também aquele carro custou uma fortuna, tem que ser usado, eu é que cada vez me apego menos aos bens materiais, minha mulher respondeu. Os carros dos meninos bloqueavam a porta da garagem, impedindo que eu tirasse o meu. Tirei os carros dos dois, botei na rua, tirei o meu, botei na rua, coloquei os dois carros novamente na garagem, fechei a porta, essas manobras todas me deixaram levemente irritado, mas ao ver os para-choques salientes do meu carro, o reforço especial duplo de aço cromado, senti o coração bater apressado de euforia. Enfiei a chave na ignição, era um motor poderoso que gerava a sua força em silêncio, escondido no capô aerodinâmico. Saí, como sempre sem saber para onde ir, tinha que ser uma rua deserta, nesta cidade que tem mais gente do que moscas. Na avenida Brasil, ali não podia ser, muito movimento. Cheguei numa rua mal iluminada, cheia de árvores escuras, o lugar ideal. Homem ou mulher? Realmente não fazia grande diferença, mas não aparecia ninguém em condições, comecei a ficar tenso, isso sempre acontecia, eu até gostava, o alívio era maior. Então vi a mulher, podia ser ela, ainda que mulher fosse menos emocionante, por ser mais fácil. Ela caminhava apressadamente, carregando um embrulho de papel ordinário, coisas de padaria ou de quitanda, estava de saia e blusa, andava depressa, havia árvores na calçada, de vinte em vinte metros, um interessante problema a exigir uma grande dose de perícia. Apaguei as luzes do carro e acelerei. Ela só percebeu que eu ia para cima dela quando ouviu o som da borracha dos pneus batendo no meio-fio. Peguei a mulher acima dos joelhos, bem no meio das duas pernas, um pouco mais

sobre a esquerda, um golpe perfeito, ouvi o barulho do impacto partindo os dois ossões, dei uma guinada rápida para a esquerda, passei como um foguete rente a uma das árvores e deslizei com os pneus cantando, de volta para o asfalto. Motor bom, o meu, ia de zero a cem quilômetros em nove segundos. Ainda deu para ver que o corpo todo desengonçado da mulher havia ido parar, colorido de sangue, em cima de um muro, desses baixinhos de casa de subúrbio. Examinei o carro na garagem. Corri orgulhosamente a mão de leve pelos para-lamas, os para-choques sem marca. Poucas pessoas, no mundo inteiro, igualavam a minha habilidade no uso daquelas máquinas. A família estava vendo televisão. Deu a sua voltinha, agora está mais calmo?, perguntou minha mulher, deitada no sofá, olhando fixamente o vídeo. Vou dormir, boa noite para todos, respondi, amanhã vou ter um dia terrível na companhia.

O realismo afetivo em Fonseca é presenciado no momento em que o personagem, ao narrar os fatos, é capaz de chocar o leitor, principalmente a classe média por dela fazer parte – e levar-nos a deduzir, subtender e até mesmo questionar a causa que provoca o fato mencionado no conto e suas caracterizações. O que esse personagem tinha de diferentes? Por que agiu friamente diante da situação? Sofria de algum distúrbio mental? Seria a primeira vez que cometera tal atitude? Muitos questionamentos são feitos, há muitos subtendidos e termos elípticos que nos cercam de contradições e, ao mesmo tempo, só enriquecem o conto. O alerta de Fonseca é exatamente o da inovação, o de surpreender, o de banalizar e retratar o cotidiano como fórmula, afinal a literatura – como dito em todo o trabalho – busca retratar, trazer um retrato fiel da sociedade e do processo de construção do sujeito e do meio em que vive.

Por isso, o texto em questão é oportuno ao ensino de língua/literatura, visto que as inferências, os ditos e “não ditos” ficam por conta dos alunos que retratam e representam o conto através de um júri simulado, defendendo um ponto de vista acerca da possível ou não culpa do narrador, mesmo que tal ponto de vista não seja o seu. O mais importante no trabalho com esta atividade é de recriar a realidade de tal forma que ela nos pareça real, faça-nos encarar a situação como única e defendê-la no momento.

5. Considerações finais

Trabalhar o conto de Fonseca em sala de aula, através de práticas diferenciadas de leitura, proporciona ao aluno o contato com o novo e, ao

mesmo tempo, com sua própria realidade, em que ele deve ser capaz de criticar e levantar hipóteses sobre o que lhe é apresentado.

A proposta de júri simulado, com base no texto acima, evidencia a oralidade como forma de representação da linguagem escrita argumentativa, e cria meios de introduzir o aluno no universo da literatura (por meio da linguagem oral), com o objetivo de proporcionar interação entre todos os envolvidos no processo, estimular à criatividade e o espírito de liderança, o convívio social, o crescimento intelectual e linguístico (vocabular), corporal.

Para o presente trabalho, a proposta de júri simulado com base em texto literário, através da representação em sala de aula foi realizada para enfatizar e despertar, no aluno, o interesse pela literatura e por assuntos relacionados à sua realidade, como construtores e formadores do sujeito (aluno), através de dinâmicas, intertextualidades entre textos diversos e no conhecimento prévio de cada discente. A partir de propostas diferenciadas de atividades, buscou-se adotar novas estratégias para o trabalho com os conteúdos literários em turmas de 9º ano de forma interativa, participativa e contextualizada.

Competências e habilidades de leitura, não só da palavra, mas de mundo e de vida – carregadas de intencionalidades e entrelinhas, foram desenvolvidas, em que o mais é o “não dito”, que desperta emoção, sensibilização, troca de experiências e relatos de vida - reafirmando a importância da literatura para a construção e formação do sujeito responsável pelas transformações no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1985.

FONSECA, Rubem. Passeio noturno. In: ___ et al. *Os melhores contos brasileiros de 1973*, Porto Alegre: Globo, 1974, p. 179-181.

KLEIMAN, Angela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 6. ed. Campinas, São Paulo: Fontes, 1998.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

LUKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. Trad.: Augusto de Campos e José Paulo Paes. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

SCHØLLHAMMER, K. E. À procura de um novo realismo: teses sobre realidade em texto e imagem hoje. In: OLINTO, H. K. *Literatura e mídia*. Rio de Janeiro: PUC/Rio, 2002.

ZILBERMAN, Regina. *Sim, a literatura educa*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.